



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

**DIVERSIDADE DE OLHARES E SENTIDOS NA  
FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**Angélica Góis Morales<sup>1</sup>**

**RESUMO:** A universidade apresenta-se como espaço importante para a formação em educação ambiental e, a pós-graduação constitui-se uma das principais vias de acesso à educação ambiental, principalmente, a especialização. Portanto, esse estudo teve como objetivo analisar a trajetória dos profissionais que passaram pelo curso de especialização em “Educação, Meio Ambiente e Desenvolvimento” da UFPR, situando essa experiência interdisciplinar da própria instituição de ensino, bem como as motivações desses sujeitos e sua relação com o campo da educação ambiental. Para tanto, essa pesquisa qualitativa e exploratória, a partir do estudo de caso, entrevistou 12 alunos egressos. Diante da análise de conteúdo, emergiu a categoria que evidenciou a trajetória ambiental dos sujeitos, demonstrando uma diversidade de olhares diante do grupo multidisciplinar dos profissionais que compõem o universo desse curso.

**Palavras-chave:** profissionais em educação ambiental, universidade, formação.

**ABSTRACT:** The university presents itself as important area for the formation of environment education, and the *lato sensu* postgraduate courses, represent one of the most important ways of providing environment education. Therefore, the purpose of this study is to analyze the trajectory to environment educators professionals who have passed the course *lato sensu* on “Educação, Meio Ambiente e Desenvolvimento” at the UFPR placing this experience interdisciplinary education institution itself, as well as the motivations these subjects and their relationship with the field of environmental education.. In order to do that, this qualitative and exploratory research was based on a case study, involving 12 students. Using content analysis, the category which showed the trajectory environmental subjects, demonstrating a diversity of possible perspectives of the multidisciplinary group of professionals that compose the universe of this course.

**Keywords:** environment educators professionals, university, formation

## **Introdução**

Num movimento constante entre conflitos, descontinuidades e continuidades que se vive, a educação ambiental busca formar sujeitos políticos, motivados a agir de forma crítica na sociedade, baseados numa ação reflexiva e transformadora. Partindo dessa perspectiva, a *formação ambiental* começa a ganhar espaço nas discussões relacionadas às necessidades de

---

<sup>1</sup> Doutora pelo Programa Interdisciplinar em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Docente do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental (PEA). CEP: 84030-900 Ponta Grossa - PR, Brasil. Contato: [angelicagoismorales@ig.com.br](mailto:angelicagoismorales@ig.com.br).

recursos humanos para o enfrentamento dos problemas socioambientais, principalmente no cenário superior.

Em relação ao termo “*formação ambiental*”, trata-se aqui no, no sentido de educação como processo permanente e contínuo de melhorias, em que o significado de formar não está vinculado à ação de dar ou tomar forma, mas a universo potencialmente mais amplo do que mero treinamento, qualificação ou aperfeiçoamento. A este enfoque, Freire reafirma que “formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas” (1997, p.15), e que tal formação está em constante movimento dialógico de (re)construção dos conhecimentos frente a relação aprender-ensinar, pois “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 1997, p.25).

Partindo-se destes pressupostos, a opção por *formação ambiental* acredita ser mais pertinente para compreender o processo reflexivo de reorganização do saber frente à intervenção para a transformação da realidade pela problemática socioambiental, e também por estar vinculado ao âmbito da educação superior, já que os centros universitários favorecem a abertura de novas possibilidades profissionais na busca de formação de profissionais nas diversas áreas vinculadas à temática ambiental.

Observa-se que, a dimensão ambiental, aos poucos, adentra as universidades e envolve um conjunto variado de atores do universo educativo, o que implica, na implantação de cursos de caráter interdisciplinar que busca a formação de profissionais em educação ambiental que possa trabalhar com diferentes modalidades<sup>2</sup> e sentidos do ambiental na sociedade, como coordenador de ações, pesquisas e reflexões, além de mediador de relações sócio-educativas (CARVALHO, 2004; MORALES, 2009).

Diante do contexto apresentado, é mister que a educação ambiental esteja em discussão no ensino superior, principalmente, na formação ambiental. Essas discussões abrem um diálogo de saberes nos processos de constituição do próprio educador ambiental, bem como de aprendizagem nos diversos espaços de ensino numa perspectiva interdisciplinar.

Como delimitação no cenário superior, focou-se nessa pesquisa, os cursos de especialização (pós-graduação *lato-sensu*) em educação ambiental, tendo como caso estudado o curso em “Educação, Meio Ambiente e Desenvolvimento” da Universidade Federal do

---

<sup>2</sup> Cabe elucidar que a educação ambiental, como uma modalidade da educação permanente, segundo Reigota (1994) e Knechtel (2001), apresenta algumas áreas distintas, porém entrecruzadas, de atuação e aplicação, como a *educação formal* (dos bancos escolares com finalidades conscientes em atividade, formativa em propósitos, sistemática em realização e limitada em duração.); a *educação não-formal* (não vinculada ao sistema educativo convencional, mas direcionada a toda comunidade, com fins também intencionais e sistemáticos, no entanto não circunscritos em escolaridade tradicional) e a *educação informal* (transmitida informalmente).

Paraná (UFPR) que forma especialista nesta área, a fim de incorporar a dimensão socioambiental educativa nas diversas áreas de atuação profissional. Em razão disso, incorpora-se a terminologia “*profissional educador ambiental*” para designar todos profissionais, procedentes de diversas áreas, que perpassam por um curso de especialização no campo da educação ambiental<sup>3</sup>.

Por meio desse estudo de caso, esse artigo apresenta questões norteadoras como: Quem são esses profissionais educadores ambientais que constituem o universo dessa especialização e quais suas trajetórias? O que os motivam a buscar uma especialização nessa área? Esses sujeitos se identificam como profissionais educadores ambientais?

Frente a tais inquietações, esse estudo teve como objetivo central analisar a trajetória dos profissionais que passaram pelo curso de especialização em “Educação, Meio Ambiente e Desenvolvimento” da UFPR, situando essa experiência interdisciplinar da própria instituição de ensino, bem como as motivações desses sujeitos e sua relação com o campo da educação ambiental.

### **Experiência interdisciplinar na formação em educação ambiental**

O curso de especialização em estudo foi criado no contexto do Programa Interdisciplinar do Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento (MADE)<sup>4</sup> no ano de 1998, sendo regulamentado em 2001, e tendo início em 2002 com a 1ª turma, por motivos burocráticos e institucionais.

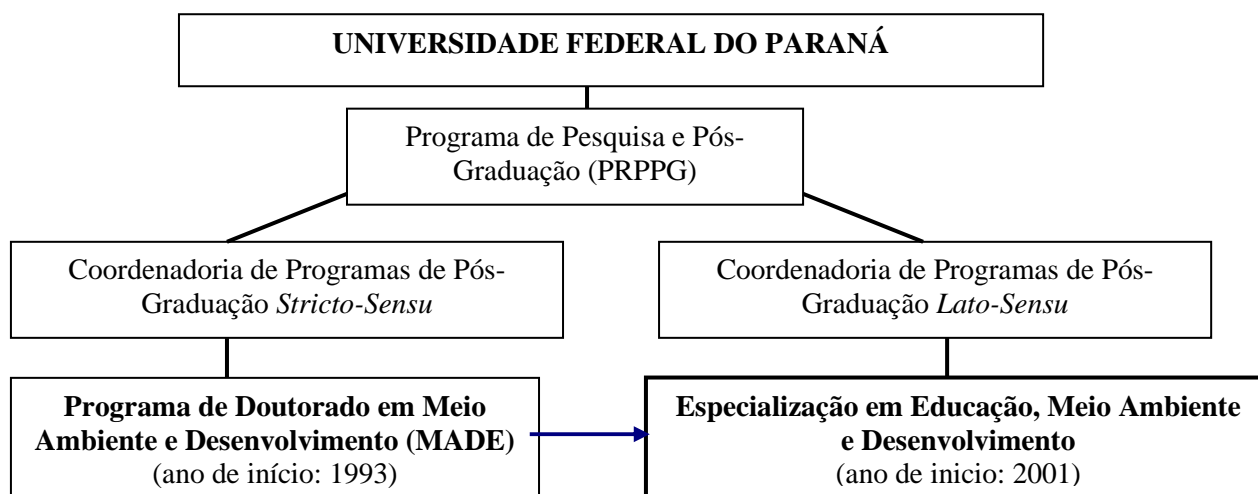
Como nota-se na figura 1, o curso não apresenta nenhuma ligação direta com nenhum departamento na instituição, e, nessa configuração, consegue ter docentes de diversos departamentos, o que compõe um mosaico de diversas áreas de conhecimento, como Filosofia, Sociologia, Comunicação, Geografia, Biologia, Educação, Medicina, entre outras. Esses docentes, vindos de áreas tão diversificadas e ao mesmo tempo tão afins, contribuem muito para a abordagem socioambiental de modo interdisciplinar, não só com as práticas, mas com as reflexões e as produções de conhecimentos com ênfase na relação ser humano e natureza que possa subsidiar um campo heterogêneo e interdisciplinar que é a educação ambiental.

---

<sup>3</sup> Faz-se necessário esclarecer que a terminologia é adotada nesse trabalho para evidenciar, com o intuito de privilegiar suas filiações em campos diversos do saber que buscam uma ação socioambiental educativa. No entanto, destaca-se que esta é uma categoria profissional que não é estabilizada e, por isso, pode apresentar variações.

<sup>4</sup> Ressalta-se que o curso de doutorado apresenta uma estrutura interna na UFPR, sendo intersetorial e vinculado diretamente à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação .

FIGURA 1 – ORGANIZAÇÃO DA CRIAÇÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO NA UFPR



FONTE: A Autora.

O objetivo do curso, de acordo com seu projeto, está centrado em formar profissionais de diversas áreas de conhecimento, considerando a necessidade de quadros de referência e visões diversificadas para o estudo de salientar os problemas socioambientais que têm como base a relação sociedade, natureza e educação. Para alcançar esse objetivo principal, o curso busca:

- a) Posicionar a educação ambiental e o desenvolvimento como espaços de reflexão epistemológica com enfoque em práticas interdisciplinares; b) identificar como o grau de desenvolvimento dos países, seus objetivos e suas políticas determinam modalidades concretas de Educação ambiental; c) introduzir os participantes em dinâmicas de grupos que possibilitem práticas interdisciplinares e construção coletiva de conhecimento; d) proporcionar atividades de elaboração de projetos, de pesquisa, de orientação ao estudo monográfico, a fim de que os profissionais sejam capazes de desenvolver diferentes níveis de ações de educação e meio ambiente (UNIVERSIDADE FEDERA DO PARANÁ, 1998).

Frente ao objetivo do curso, percebe-se que esses estão focados à formação do profissional, buscando formar diversos profissionais para que possam analisar as questões socioambientais segundo as relações sociedade, natureza e educação e, refletir sob as bases epistemológicas do conhecimento ambiental, da educação ambiental e do desenvolvimento, por meio de práticas interdisciplinares.

Contudo, em um olhar mais analítico, percebe-se que o enunciado do objetivo possui certa fragilidade, que pode levar a um sentido vago, como por exemplo: qual desenvolvimento que este se propõe a problematizar? Entretanto, mais adiante, ao conhecer a estrutura do curso e as ementas das disciplinas, consegue-se compreender e ter acesso às reflexões teórico-

metodológicas apontadas no objetivo, bem como ao tipo de desenvolvimento que permeia as discussões no curso, orientando nova construção da identidade epistemológica.

Dessa forma, com esses objetivos, o curso buscou focar a educação ambiental considerando suas diferenças contextuais, no intuito de elaborar projetos socioambientais a partir da realidade e formuladas com base em referencial científico atual e consistente. Para chegar a tais fins, o curso foi distribuído em doze disciplinas<sup>5</sup>.

No núcleo das disciplinas específicas, conforme as ementas, o conhecimento a ser trabalhado está situado nas discussões e reflexões ao entorno da relação sociedade-natureza. São apresentados e discutidos os modelos de desenvolvimento e suas conseqüências, dando ênfase: à dimensão conceitual, política e cultural da sustentabilidade e às disputas do campo ambiental; à dimensão espacial dos problemas ambientais, aos processos ecológicos e aos níveis de organização da vida; e ainda, aos aspectos epistemológicos, teóricos e metodológicos do processo interdisciplinar no contexto da complexidade socioambiental.

No núcleo das disciplinas didático-pedagógicas, a relação teoria e prática está presente em todos os assuntos a serem abordados, conforme consta nas ementas, bem como apoiados às metodologias e às práticas interdisciplinares e dinâmicas interativas para a construção coletiva do conhecimento. A esse núcleo, destacam-se temáticas como: contextualização da educação ambiental, principais teorias e concepções de Educação e do Ensino, teoria de redes e mapas conceituais, a didática para profissional em educação ambiental, formação de professores, jogos de simulação, prática da educação ambiental no contexto escolar, princípios éticos, e outras. Há também tópicos especiais, destinados aos temas específicos que podem emergir nas discussões, reflexões e aspirações das turmas e que não foram tratados no desenvolvimento das demais disciplinas.

Ao final das disciplinas, é oferecido os Seminários de Estudo Monográficos, que conta com a participação de docentes e discentes. Nessa ocasião, o aluno apresenta a sua proposta de pesquisa, cuja origem parte da problematização da realidade socioambiental, discussão e reflexão coletiva incluída a relação com a educação ambiental.

---

<sup>5</sup> São elas: Disciplinas específicas: 1) A Crise socioambiental atual, 2) Espaço, Sociedade e Educação ambiental, 3) Fundamentos da Ecologia, 4) Ética, Educação e Sustentabilidade, 5) Perspectiva Interdisciplinar para Educação ambiental. Disciplinas didático-pedagógicas: 6) Contextualização Histórica da Educação ambiental e Dimensão Ambiental da Educação Escolar. 7) Experiências, Aspectos Teórico-Metodológicos da Educação ambiental: formal e não-formal, 8) Metodologia do Ensino Superior, 9) Metodologia do Trabalho Científico, 10) Educação em Saúde e Meio Ambiente, 11) Tópicos Especiais, 12) Políticas Nacionais de Programas de Educação ambiental formal e não formal.

### **Procedimentos técnico-metodológicos**

Como estudo de caso visa a descoberta, utiliza uma variedade de fontes de informações e revela experiências de vida dos sujeitos envolvidos em que a representação singular da realidade é multidimensional e historicamente situada (LUDKE e ANDRE, 2001). Dessa forma, delimitaram-se como sujeitos principais da pesquisa os alunos egressos que concluíram entre os anos de 2003 e 2005. São as turmas: I (2002 -2003), II (2003 – 2004) e III (2004 – 2005)<sup>6</sup>.

Ao somar as turmas I, II e III, tem-se um total de 50 alunos concluintes, provenientes de várias áreas do saber<sup>7</sup> como: Design, Agronomia, Engenharia Civil, História, Administração, Letras, Relações Internacionais, Direito, Arquitetura, Ciências Econômicas, Turismo, Ciências Sociais, Educação Artística, Pedagogia, Física, Engenharia Florestal, Psicologia, Veterinária, Biologia e Geografia, o que evidencia a diversidade de olhares e percepções voltados para a unidade socioambiental.

Entre esses alunos, 76% são do sexo feminino e 24% do sexo masculino, provenientes, na maioria, da cidade de Curitiba, da sua região metropolitana e do Interior do Paraná (Quedas do Iguaçu, Balsa Nova). Todavia, há alunos também dos estados de Santa Catarina (Três Barras, Camboriú), do Mato Grosso (Cuiabá) e do Pará (Belém), entre outros.

A faixa etária dos alunos egressos varia entre 21 e 65 anos de idade, sendo que 64% dos alunos encontram-se entre 21 e 40 anos e 36% entre 41 e 65 anos. Tornam-se interessantes esses dados preliminares, pois demonstram que há uma certa aproximação e busca pela área de educação ambiental pelas pessoas com mais idade e não só por profissionais mais jovens, que ainda é em maior número.

Para buscar os sujeitos da pesquisa entre os 50 alunos egressos, foram selecionados 4 pessoas por turma, resultando num total de 12 alunos egressos. Para essa escolha, cunharam-se alguns critérios norteadores que, com um olhar detalhado sobre o conjunto, contribuíram para essa seleção. São eles: a) alunos egressos que após o curso atuam em diferentes instituições na área de educação ambiental; b) maior tempo de atuação em educação ambiental; c) boa frequência no curso; e d) provenientes de áreas de conhecimento diferentes.

#### **FIGURA 2 - SUJEITOS ENTREVISTADOS : ALUNOS EGRESSOS**

<sup>6</sup> A coleta de informações, em sua maioria, disponibilizada pela Secretaria do Curso, facilitou o acesso aos Relatórios Finais de cada turma e ao Histórico Escolar de cada aluno, possibilitando a elaboração de breve cruzamento de dados, o que permitiu uma primeira leitura dos alunos egressos.

<sup>7</sup> Vale informar que essa relação de áreas de conhecimento foi obtida no contexto da graduação dos alunos. Porém, ressalta-se que, desses alunos, 6% já possuíam o mestrado, antes de cursarem a especialização.

<b>Sujeitos</b>	<b>Idade</b>	<b>Cidade</b>	<b>Graduação</b>	<b>Nível de escolaridade Atual</b>	<b>Área profissional</b>	<b>Tempo de atuação na EA</b>
E1	29	Curitiba/PR	Turismo/UTP-PR	Especialização	Turismo ambiental	3 anos
E2	43	Curitiba/PR	Engenharia Agrônômica/UFPR-PR	Especialização Mestrado em andamento	Secretaria da Agricultura e Abastecimento/PR	4 anos
E3	42	Curitiba/PR	Medicina Veterinária/UFPR-PR	Especialização EMAD	Secretaria da Agricultura e Abastecimento do PR	8 anos
E4	60	Três Barras/SC	Engenharia Florestal/UFV-MG	Especialização	Gerência de Relações Públicas	14 anos
E5	32	Colombo/PR	Administração em Comércio Exterior/FESP-PR	Especialização	Prefeitura Municipal de Colombo – coord. pedagógica	3 anos
E6	35	Curitiba /PR	Geografia, Sociologia e Ciências Populacionais (Univers. Federal Kiel-Alemanha)	Especialização	Consultoria ambiental – ONGs	10 anos
E7	43	Curitiba/PR	Ciências Sociais Administração/UNICENP-PR	Especialização	Consultoria Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEMA)	5 anos
E8	32	Curitiba/PR	Letras /UFPR Ed. Artística/FAP -PR	Especialização	Professora de Artes	2 anos e 6 meses
E9	29	Curitiba/PR	Pedagogia /UTP-PR	Especialização Mestrado em andamento	Professora e coordenadora pedagógica	3
E10	47	Curitiba/PR	Administração /FESP-PR	Especialização	Meio Ambiente e EA	5
E11	65	Quedas do Iguaçu/PR	Ciências Econômicas/FESP-PR	Especialização	Consultoria ambiental	2
E12	27	Curitiba/PR	Arquitetura e Urbanismo/UTP-PR	Especialização	Desenvolvimento de projetos de arquitetura e ensino superior	3

FONTE: A autora.

Após esse delineamento dos sujeitos, buscou-se, por meio de entrevista semi-estruturada, apreender as informações seguidas de estruturação de questões norteadoras com certa relação entre si. E, em relação ao tratamento dos resultados e análise interpretativa optou-se pelo método da análise de conteúdo, o que constituiu no desvelamento do oculto, do que não está dito, o que implica um caminho para a compreensão do significado que os sujeitos exteriorizam no discurso (BARDIN, 1977).

### **Diversidade de olhares dos profissionais educadores ambientais**

O grupo dos doze (12) alunos egressos selecionados, denominados nesta pesquisa, de profissionais educadores ambientais (representados por E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E11 e E12), apresenta formação acadêmica nas diversas áreas, como apresentado na figura 2, o que possibilitou um diálogo entre as Ciências Humanas, Sociais, Exatas e Biológicas.

Com essa multiplicidade de profissionais portadores de áreas de diferentes conhecimentos, as atividades exercidas por esse grupo adentram em muitos espaços de intervenção institucionais, como ONGs, instituições educacionais privadas e públicas, prefeituras, secretaria de agricultura e educação, empresas multinacionais, entre outros. Consolidando essa diversidade tem-se, nesse grupo, professores, coordenadores de projetos ambientais, coordenador de turismo e meio ambiente, coordenador pedagógico, fiscal sanitário, prefeito e consultores.

Assim, esse grupo corresponde a um mosaico pluridisciplinar que constrói sentidos e transforma um conjunto de ações que reflete em suas próprias trajetórias, o que possibilita essa “diversidade de olhares”, repleta de significados, motivações, interesses e experiências ímpares em relação à educação ambiental e ao curso de especialização em questão. Compreender essa diversidade é compreender a própria formação da tessitura do profissional educador ambiental, que se configura numa rede em que as áreas de conhecimento buscam se articular, dialogar e romper com as nuances disciplinares, enraizadas na sociedade moderna.

Ao analisar as entrevistas dos sujeitos alunos egressos, emergiu a categoria *trajetória ambiental dos sujeitos*, apresentando as motivações que levaram os sujeitos a buscarem a área ambiental, primeiras experiências pessoais e profissionais em educação ambiental anterior ao curso de especialização e as razões que levaram a buscar o curso de especialização, bem como algumas percepções diante da percepção dos mesmos em relação a identidade profissional do educador ambiental.

#### *CATEGORIA – Trajetória ambiental: motivações, razões, experiências e identidade*

Diante da análise dos dados dos sujeitos egressos, percebe-se que poucos dos entrevistados iniciaram trabalho em educação ambiental há mais de 10 anos. Apenas 2 dos sujeitos deram início às suas experiências ambientais durante a década de 90. A maioria teve um contato profissional mais efetivo em educação ambiental entre 1999 e 2003, podendo ser



considerada a “nova geração” de educadores ambientais, se comparados com profissionais que atuam desde a década de 60 e 70 e por estarem no campo há menos tempo, como evidencia Carvalho (2001, p.76) ao citar um corte de gerações em sua pesquisa.

No entanto, esses sujeitos, ao se aproximarem do universo da educação ambiental, apresentaram motivações que os encaminharam para esta área, podendo ser elas: a convivência familiar, a experiência profissional e/ou pessoal ou até mesmo as questões políticas ou a própria universidade como pode ser evidenciado na fala dos sujeitos.

A influência familiar é destacada em alguns depoimentos, e é uma característica de alguns educadores ambientais, por vivenciarem, na infância, uma relação muito próxima entre ser humano e natureza, que colaborou no interesse em relação às questões ambientais. A esse fato,

*Minha infância está muito ligada à área ambiental, pois meu pai é agricultor e, por vivermos em área de aquífero, há muitos conflitos entre prefeitura, Sanepar e os agricultores. E vivo nessas discussões sobre o aquífero há muito tempo, tendo muito vínculo com o ambiente rural (E5).*

*A minha experiência na área ambiental se restringe às preocupações pessoais que eu tenho com o meio ambiente. [...] Isso se dá porque na minha família, as minhas avós eram bastante caridosas e tinham sempre um discurso de não poder fazer isso, no sentido de não desperdiçar. Então, sempre pensava que era uma responsabilidade da gente, e que temos que encaminhar as pessoas a pensarem nessas questões socioambientais (E8).*

Partindo-se da educação permanente, como uma educação continuada, sabe-se que a educação não acontece só nos bancos escolares, mas se estende por toda a vida “como forma de manifestação de todo ato humano” que se propõe a “[...] transformar o homem e a mulher em cidadãos do mundo, pessoas responsáveis e autônomas que ao se formarem e se aprimorarem, reformam e aprimoram o mundo em que vivem” (KNECHTEL, 2001, p.81-82).

Essa educação que se manifesta durante toda a vida, tendo sua origem na educação familiar, torna-se importante no ideário ambiental, pois, muitos que tiveram em sua infância a abertura às discussões ambientais poderão estar envolvidos ou mais sensíveis afetivamente à causa socioambiental, que poderá influenciar toda trajetória desse sujeito e, conseqüentemente, suas experiências profissionais futuras.

A motivação em atuar na questão ambiental teve influência maior na trajetória profissional por meio do contato com novas experiências e projetos na própria atividade de trabalho. Assim, os sujeitos se depararam em suas atividades profissionais com oportunidades de trabalhar na área ambiental, como é o caso da socióloga (E7) e do engenheiro florestal (E4), respectivamente:

*Trabalhei 20 anos no Banco do Estado do Paraná - Banestado - e tinha a função de agente fomentador do Estado. De 1990 a 2000, trabalhei como Técnica em Projetos de Desenvolvimento que analisava a viabilidade econômico-financeira de Projetos indústrias que pleiteava recursos financeiros poucos onerosos do Banco Nacional de Desenvolvimento – BNDES. Eu analisava projetos e nunca vi a questão ambiental sendo trabalhada e, muitas vezes, as empresas acabavam tendo problemas sérios por questões de legislação. [...] Foi a partir daí que passei a me interessar mais pela questão ambiental. Em 1991, consegui uma bolsa e fui para o Japão estudar desenvolvimento econômico sustentável. [...] Então foi uma experiência interessante e essa experiência me fez realmente gostar ainda mais dessa área ambiental. Foi uma questão de despertar [...].*

*Formei-me em 1969, em Viçosa, e em março de 1970 comecei a trabalhar e estou até agora. Assim, a primeira experiência ambiental foi na própria RIGESA. Sempre trabalhei com a questão ambiental na parte florestal.[...] e, em 1994, tivemos um problema sério na empresa: a questão dos caçadores [...] Assim, tínhamos que ter uma ação mais efetiva. De que forma? Educando ambientalmente a criança, pois uma criança educada podia levar para sua casa um pouco de conhecimento sobre preservação e se essa criança levasse essa idéia para o pai caçador ou outro, iria melhorar. [...] E daí, surgiram programas de Educação Ambiental [...].*

É interessante verificar que as experiências de cada sujeito, de diversas áreas de atuação, possibilitam a entrada ambiental, seja de interesse pessoal ou por meio das oportunidades de trabalho que surgiram na trajetória profissional de cada um.

Assim, têm-se experiências variadas, como a administradora (E10) que, ao trabalhar na área de comunicação social, “despertou” para a educação ambiental por meio do desenvolvimento de um trabalho com crianças em um dos projetos que prestou assessoria, ou ainda, a médica veterinária (E3) que encontrou na Secretaria de Educação, através da experiência com alunos de 5ª e 6ª séries, a oportunidade de trabalhar com educação ambiental em suas aulas.

Destaca-se também a engenheira agrônoma (E2) que se “deslumbrou” com as questões educacionais em sua atuação profissional. Ao trabalhar no Departamento de Defesa Sanitária Vegetal, teve a oportunidade de atuar na área de Educação em Saúde Animal e Vegetal, dentro do Departamento de Fiscalização da Secretaria de Agricultura.

A possibilidade de realizar um curso sobre a área da educação motivou-a a encontrar novos caminhos em seu trabalho e a educação passou a ser o seu foco central, como bem expõe ao citar que, ao realizar cursos no Paraná sobre o foco da Educação, começou a existir um diálogo maior entre veterinários e agrônomos, pois, como ela afirma,

*[...] discutia com o veterinário, e ele comigo, em termos da educação, e o enfoque produtivo e técnico ficava secundário, porque a gente estava trabalhando a educação dentro de um enfoque sanitário [...] foi nesse momento, quando estava na área de educação sanitária, na qual fiquei anos, de 1993 – 2002, que me interessei por essa parte ambiental, pois achava que faltava essa área ambiental e porque eu ainda me considero tecnicista, devido a minha formação, mas, me*

*interessava sobre as relações humanas, sobre a relação ser humano e natureza, sobre a relação sanidade e o ambiente [...] (E2).*

Nesse depoimento, pode-se observar o posicionamento da engenheira agrônoma quanto à sua formação que foi marcada pelo viés instrumental e com a intensificação da técnica, a relação natureza e sociedade foi fragmentada. A racionalidade técnica contribui na formação de profissionais, principalmente em cursos de graduação, na intenção de que o profissional saiba solucionar problemas instrumentais, por meio de teoria e técnicas apropriadas derivadas de um conhecimento sistemático (SCHÖN, 2000, p.15).

O ensino superior, nesse sentido, dá ênfase à formação de profissionais que sejam produtivos para o mercado e, dessa forma, o conhecimento tornou-se cada vez mais disciplinar, acompanhando a lógica das novas práticas de desenvolvimento por meio da técnica e da ciência, como é notada nesse relato. Assim, a universidade, ao criar um ensino de resultados, inviabilizou o contato com os problemas socioambientais, distanciando-se do saber totalizado.

A universidade necessita problematizar as questões socioambientais em seu ensino, principalmente na graduação, para que os profissionais possam ir além do senso comum, construindo uma (re)organização de pensamento e de ação e um diálogo de saberes, no intuito de aproximar-se dos problemas socioambientais.

No entanto, observa-se que, quando os cursos de graduação incorporam a dimensão ambiental exercem importante papel na formação dos diversos profissionais, que adquirem elementos teórico-práticos para compreender, analisar, refletir e reorientar seu fazer profissional em perspectiva ambiental e para participar e intervir na problematização e soluções dos problemas socioambientais.

De acordo com o relato do arquiteto (E12), meio ambiente, em seu entendimento, é considerado como espaço de vida, e devido sua profissão estar relacionada a entender e compreender o espaço apresenta uma ligação forte com a educação ambiental, pois como enfatiza: “[...] a arquitetura é uma atividade que lida com o ambiente, então a gente constrói o ambiente como também a gente interfere no ambiente”.

Constata-se, em seu depoimento, que tanto a sua formação universitária (graduação) como também sua experiência profissional ajudou a ter esta compreensão ambiental em sua profissão, o que implica em formação ambiental permanente intrinsecamente vinculada à atuação profissional.

Como a universidade, os movimentos ambientais e populares, ligados às manifestações e organizações coletivas, também desempenham um papel importante no

universo ambiental. As influências desses movimentos estão presentes nas falas de alguns entrevistados, como do economista (E11) que expressa de forma enfática, uma dimensão política agregada à sua atuação: “[...] *a gente sempre esteve ligado aos movimentos populares e Quedas do Iguaçu é uma região bastante carente em termos sociais*”.

Nota-se que o movimento social caracterizado como político exerce influências diretas no pensar e agir. Entretanto, ressalta-se aqui que os discursos dos entrevistados são políticos, pois toda experiência no ato de aprender-ensinar assume uma experiência política, e dessa forma, sua prática exige uma tomada de posição e de decisão.

Pelo conteúdo dos depoimentos, nota-se que a trajetória ambiental dos sujeitos possuem interesses, motivações e experiências distintas no campo ambiental, e essas tessituras refletem a própria trajetória da educação ambiental no Brasil. Mesmo tendo uma expansão em 1980, é a partir de meados da década de 1990, principalmente, que a educação ambiental começa a se fortalecer no cenário brasileiro, com a própria Política Nacional de Educação Ambiental (Lei 9795/99).

Desde então, muitas iniciativas se expandiram e se consolidaram. Diversas organizações implantaram programas de educação ambiental, e/ou atividades pontuais de forma isolada, que impulsionaram tanto iniciativas governamentais como privadas. Conseqüentemente, os profissionais também se depararam com experiências em educação ambiental e, muitas vezes, sem muito questionamento sobre essa temática, o que implicou um fazer mais pragmático, como denunciam alguns dos depoimentos dos entrevistados.

A esse fazer pragmático, Carvalho (2001, p.157) enuncia que a educação ambiental, de certa maneira, “termina apoiando-se mais na legitimação do fazer e menos num corpo de conhecimentos sistematizados compatíveis com a mudança de um paradigma epistêmico e pedagógico sugerido pela crítica ambiental”; o que faz com que muitos profissionais que se deparam com a educação ambiental por esse caminho, busquem opções de cursos que possam dar suporte teórico para sua prática.

Em relação às razões que levaram os alunos egressos (atuantes na área de educação ambiental) a fazer o curso de especialização, em sua maioria, ressaltou-se a necessidade de novos subsídios teóricos e práticos para aprimorar sua atuação profissional e de ampliar os conhecimentos relacionados aos projetos em educação ambiental já desenvolvidos, porém, muitas vezes, de forma superficial, advinda de um fazer pragmático descolado de um conhecimento teórico aprofundado, como já evidenciado na própria trajetória desses

profissionais. Assim, muitos dos entrevistados afirmaram ter a necessidade de buscar conhecimento teórico na área de educação ambiental para validar sua prática.

Diante dessas considerações, os profissionais buscam, em sua maioria, legitimar a atuação na área da educação ambiental por meio do alcance da base teórico-prática que seja capaz de sustentar suas atividades e, conseqüentemente, ao mesmo tempo em que possam atuar nesta temática, possam pensar sobre esta ação e produzir reflexão.

Outras razões também apresentadas em buscar o curso de especialização referem-se ao fato do curso *proporcionar uma (re)entrada na vida acadêmica*, e também pelo fato do curso *ter um enfoque pedagógico e interdisciplinar*, como também *abrir outras oportunidades de emprego*.

Essa característica interdisciplinar do curso, evidenciada tanto em seu projeto pedagógico, como nos planos de ensino dos professores, também se mostra como uma das razões que levou os profissionais a se interessarem por um curso de especialização em educação ambiental com prática educativa interdisciplinar, que busca atender as perspectivas de vários profissionais de diferentes formações.

Sabe-se também que a formação do profissional educador ambiental em cursos de especialização traz à tona alguns impactos na sua atuação profissional, como novas oportunidades de trabalho e o reconhecimento de uma especialidade, ou melhor, de uma identidade profissional que é construída sob um movimento dinâmico caracterizado pelas múltiplas relações vividas. No entanto, a noção de identidade não pode ser estabelecida como algo fixo ou permanente, pois a compreensão de uma formação profissional forma-se e transforma-se o tempo todo, de acordo com a interação entre sociedade, ser humano, natureza, ciência e instituição. Destarte, a identidade é construída na medida em que os sistemas de significação e percepção cultural se delineiam por meio da trajetória profissional e de vivências de cada sujeito ao se confrontar com inúmeras situações possíveis no decorrer de sua caminhada.

Desse modo, os alunos egressos, após o curso de especialização, ao atualizarem e enriquecerem o conjunto de conhecimentos e de experiências adquiridas em relação ao campo do saber da educação ambiental, citam desdobramentos do curso que incidiram em sua atuação, bem como a percepção da educação ambiental em termos de oportunidades de trabalho e identidade profissional. Dentre os desdobramentos que ocorreram na atuação dos profissionais, a partir da especialização, a maioria (75%) enfatizou oportunidades de trabalho na área, no âmbito formal e não-formal.

No conjunto da análise dos dados, frente à atuação profissional dos sujeitos na educação ambiental, nota-se que a identidade profissional tende a ser cada vez mais reconhecida à medida que os resultados das ações desses profissionais sejam reconhecidos pela sociedade brasileira. Sob esse aspecto, será que os sujeitos da pesquisa se identificam como profissionais educadores ambientais?

Ao saber se os alunos egressos se identificavam como profissional educador ambiental, dez deles (83,3%) assumiram a identidade profissional

*Há um ditado que diz que ‘quando você tem um caminho e se seu caminho tem coração, permaneça nele’ [...] e agora esse caminho que estou, tem um coração! Eu faço isso com amor, com prazer. Eu me encontrei na Educação Ambiental [...] Eu me vejo como Educadora Ambiental e gosto do que faço, e vejo que é necessário o que faço [...] (E5).*

*Sinto-me educadora ambiental. É minha área de trabalho agora. Tenho uma identidade! (E10).*

É interessante verificar que houve uma certa opção profissional nos discursos, e que o reconhecimento da identidade do profissional educador ambiental está vinculado às suas experiências refiguradas à luz do encontro do prazer e da dimensão da sensibilidade, bem como do despertar da sua própria vivência. Como afirma Gutierrez-Pérez (2005, p. 206), “o meio ambiente tem uma dimensão profissional” e essa formação de identidade parece compor-se de arranjos e/ou cruzamentos de muitas vias de entrada na área ambiental, como identificada na trajetória dos profissionais, em que confluem diversos saberes, bem como fatores profissionais e pessoais, revelados pelos mesmos, que ao buscarem a especialização na área puderam se identificar, se encontrar e até mesmo legitimar sua própria atuação.

### **Considerações finais**

Considera-se que o campo ambiental apresenta-se como complexidade epistemológica e “status disciplinar de singular riqueza” (GUTIÉRREZ-PÉREZ, 2005), pois nele se encontra a diversidade de interesses contrapostos e de práticas cotidianas muito desiguais e variadas, que traduzem esta heterogeneidade no campo da educação ambiental e, desta maneira, um setor profissional também diversificado para o profissional educador ambiental.

A trajetória desses profissionais, como se pôde notar, demonstra caminhos diversificados, porém convergem ao buscarem, no ambiental, o complemento para a atuação profissional, pois, seja pelo vínculo familiar e/ou profissional com a questão ambiental, todos

se depararam com experiências que os motivaram e/ou “despertaram” para esta área. E o que parece é que esses sujeitos, de diversas áreas profissionais, buscam na educação ambiental a revitalização de sua prática, seja no âmbito formal ou não-formal, compartilhando de propostas e práticas reflexivas e inovadoras.

O trabalho aqui exposto, focado em contexto particular, envolto de reflexões desses profissionais é um convite para que outros contextos de formação também possam refletir, discutir e experienciar o processo coletivo de pensar a formação em educação ambiental.

Contudo, cabem algumas reflexões e indagações suscitadas por essa: As agências/órgãos ambientais contemplam a formação ambiental? Como as universidades nos seus contextos de graduação e pós-graduação *stricto-sensu* estão incorporando a dimensão da educação ambiental? Assim, espera-se nessa caminhada, possa buscar um diálogo mais estreito dentro das nossas universidades sobre a formação em educação ambiental.

#### **REFERÊNCIAS:**

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Lei 9795.

CARVALHO, I.C.M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Invenção ecológica: narrativas e trajetórias da Educação ambiental no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GUTIÉRREZ-PÉREZ, J. Por uma formação dos profissionais baseada em competências de ação. In: SATO, M., CARVALHO, I. **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 177-211.

LUDKE, M.; ANDRÉ, E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2001.

KNECHTEL, M.R. **Educação permanente: da reunificação alemã a reflexões e práticas no Brasil**. Curitiba: UFPR, 2001.

MORALES, A.G. **A formação do profissional educador ambiental: reflexões, possibilidades e constatações**. Ponta Grossa: UEPG, 2009.

REIGOTA, M. **O que é Educação ambiental?** São Paulo: Brasiliense, 1994.

SHÖN, D. A Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Org.) **Os professores e sua formação**. Lisboa, Dom Quixote, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Projeto de criação do curso**: Especialização em Educação, Meio Ambiente e Desenvolvimento. Curitiba, 1998.